



Caroline Duarte  
Colégio Tiradentes  
3ª Série Ensino Médio

Em um dia da semana

Em uma segunda-feira, com 19 anos e uma mala em cada mão, Levi saiu de casa. Disse que precisava começar sua vida e se despediu da mãe e da irmã com um abraço, assim partiu deixando um armário vazio.

Em uma terça-feira, seis meses depois, com olheiras e vários boletos para pagar, o silêncio do apartamento não era aliado. O trabalho ocupava lhe o dia, a faculdade ocupava lhe a noite e, entre um período e outro, lembrava com nostalgia da mãe pedindo ajuda para mexer no computador, das brigas com a irmã e da comida caseira deliciosa. Sempre fazia uma nota mental de que tinha que ligar para a família quando chegasse em casa, mas adormecia no sofá depois de devorar um miojo.

Em uma quarta-feira, 2 anos depois da mudança, com um promoção no emprego e um TCC para entregar, Levi ouviu a jornalista dizer que um homem de 27 anos era o primeiro paciente diagnosticado com o coronavírus no seu estado, mas logo se lembrou que a conta de luz vencia naquele mesmo dia, e precisava se apressar. Havia também uma chamada perdida da mãe, com certeza falando sobre o almoço clássico de sábado, mais um que ele estaria ocupado demais para ir.

Em uma quinta-feira, duas semanas depois do primeiro infectado, com a faculdade parada e a papelada do trabalho em casa, Levi entrou em quarentena. Pela primeira vez em muito tempo ele parou, sem grandes preocupações com os estudos e a correria rotineira. Mas quando se sentou no sofá, sem estar exausto ou irritado, a solidão do apartamento pesou junto com a intensa saudade da família que vinha se acumulando.

Em uma sexta-feira, naquela mesma semana, com uma máscara e uma mala em cada mão, Levi chegou no lugar que antes chamava de casa, cumprimentando a mãe e a irmã com um abraço.

Naquele sábado, com a família e a comida caseira da mãe, Levi falou que ficaria ali durante a quarentena. Quando sua irmã comentou sobre o quanto era bom e incomum o irmão estar ali, ele apenas respondeu:

- O normal é estarmos juntos.

Parecer avaliadores SAS

Texto delicioso de ler e ao mesmo tempo angustiante. Reflete as preocupações e a prioridade que damos ao trabalho, à faculdade, menos às pessoas. Ótima narrativa com fluxo temporal quase poético e uma condução que te coloca numa posição empática logo nas primeiras linhas.